

ARTUR NEIVA

1880 — 1943

J. P. CARVALHO LIMA

Diretor do Instituto Adolfo Lutz

Faleceu no Rio de Janeiro, aos 62 anos, Artur Neiva, nome da mais alta projeção na esfera científica e político-administrativa do Brasil. Médico, higienista, biologista, literato, administrador de larga visão, possuía, também, inteligência brilhante e notável capacidade de trabalho.

Teve vida agitada e trabalhou nos mais variados setores, demonstrando sempre decidida vocação para os assuntos de interesse público. Sua produção científica evidencia a variedade dos seus conhecimentos e a multiplicidade das atividades que desempenhou.

Com a sua morte desaparece um cientista de grande envergadura, notável saber e conhecedor profundo de sua gente e de sua terra.

Nasceu Artur Neiva na cidade do Salvador, a 22 de Março de 1880.

Após os estudos de humanidades, matriculou-se na Faculdade de Medicina da Bahia, que cursou até o 2.º ano. Transferiu-se, depois, para a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, onde se diplomou em 1903.

Ainda estudante, foi auxiliar acadêmico do Serviço de Profilaxia da Febre Amarela.

Desde 1905 frequentou, assiduamente, Manguinhos, onde já se levantava a escola de Oswaldo Cruz sobre os alicerces sólidos do prestígio inconfundível do seu imortal patrono.

Exerceu o cargo de inspetor sanitário interino e em 1906 foi nomeado técnico de laboratório do Laboratório Bacteriológico da

(*) Lido na Reunião Científica do Instituto Adolfo Lutz, de 27 de Julho de 1943.

Saúde Pública. No exercício desse cargo, Oswaldo Cruz o requisitou para Manguinhos, sendo destacado para dirigir a Campanha contra o impaludismo nas obras de captação de águas dos rios Xerém e Mantiqueira e que se achavam paralisadas em consequência da extensão do mal. Em 18 meses transformou as bases da profilaxia do impaludismo no Brasil, demonstrando a insuficiência das doses de quinino usadas, publicando o trabalho que fez época: "A formação da raça do Hematozoário do impaludismo resistente à quinina", concluindo que a quininizacão constante entre populações impaludadas, quando não atinge de uma vez à massa total de habitantes, acabará por dar aos hematozoários os meios de vir adquirindo uma resistência ao específico, a ponto de se diferenciarem em raças.

Descreveu, ainda em 1906, uma nova espécie de anofelina brasileira: *Mizomyia tibiamaculata*, capturada por Carlos Chagas.

Em 1907 defendeu, com ardor, o plantio do trigo no Brasil, louvando Gomes do Carmo, seu pioneiro, apontando-o como um dos que mais fizeram para apartar o Brasil do abismo que já o ameaça: a rotina.

Em Março de 1908 passou a assistente do Instituto Oswaldo Cruz e em Abril desse ano foi comissionado para estudar, em Magé, os principais focos e os principais transmissores do impaludismo.

Esse ano de 1908 foi dos mais férteis para a capacidade de Artur Neiva. Descreveu o *Megarhinus fluminensis*, Neiva (n. sp.), o *Sabethes purpureus*, n. sp.; a *Mizorhynchella gilesi*, Neiva. Escreveu um trabalho sobre os Dípteros brasileiros e apresentou ao 6.º Congresso Brasileiro de Medicina e Cirurgia, a memória: "Das Anofelinas brasileiras".

Em 1909 foi designado para acompanhar o professor Prowazek na sua excursão ao Itapura e ao Mato Grosso.

Em 1911, Carlos Chagas apresentou à Academia Nacional de Medicina os primeiros casos da moléstia descoberta em Lassance e que tem o seu nome.

Artur Neiva se entusiasma e, sobrepujando os céticos da época, aponta a descoberta como um padrão de glória para o cientista brasileiro e para o Instituto Oswaldo Cruz, embora viesse revelar a enorme desgraça que nos assola em proporções cuja extensão, naquela época não se podia bem medir, e que só agora vem merecendo maior atenção das autoridades sanitárias.

Neiva realizou então, notáveis trabalhos sobre os transmissores da Moléstia de Chagas — os Triatomas.

Ainda em viagens de estudo percorreu os Estados de Goiás, Piauí, Pernambuco e Bahia. Os relatórios dessas viagens repercutiram fundamentalmente no País. Escrevendo em linguagem franca, movido por altos propósitos de patriotismo, mostrou um Brasil mais empobrecido do que se pensava e muito mais doente do que se afirmava. A frase de Miguel Pereira "*o Brasil é um vasto Hospital*" originou-se desses relatórios.

Artur Neiva foi descansar, de regresso de tão longa excursão, na Argentina, em 1913. Ali estudou o material de culicídeos de Arribalzaga e descreveu uma espécie nova de hemíptero, o *Triatoma platensis*. Nesse ano escreveu a biologia da *vinchuca*, o hemíptero hematófago mais disseminado na América do Sul, como anteriormente já fizera para *Panstrongylus megistus*, principal transmissor da doença de Chagas, em nosso País. Descobriu fatos novos da biologia desses hematófagos e assentou as regras gerais do ciclo evolutivo de tão importante grupo de insetos. Demonstrou, depois, que outro hemíptero, o *Eutriatoma sordida*, transmite, também, o *Schizotrypanum cruzi*; que o agente ocasionador do mal de cadeiras atravessa a conjuntiva sã dos animais e que o *Schizotrypanum cruzi* pode ser transmitido por carrapato. Só ou em colaboração com Adolfo Lutz, realizou pesquisas sobre dípteros hematófagos, culicídeos, flebotomos e tabanídeos, moscas parasitárias, uma que ataca as aves e outras os homens.

Quando, no Estado do Rio, em 1914, encontrou exemplares de *Triatoma vitticeps* naturalmente infestados com o *Schizotrypanum cruzi*, afirmou de modo peremptório e grande antecipação que o futuro veio confirmar: "Nós estamos convencidos ser a moléstia de Chagas enfermidade panamericana, estendendo-se do sul dos Estados Unidos ao norte da Argentina".

Em 1915 o Governo da Argentina o contratou para instalar e dirigir as secções de zoologia e Parasitologia do Instituto Bacteriológico daquele país. De Fevereiro a Maio desse mesmo ano realizou uma excursão científica ao norte da Argentina, em companhia de Belarmino Barbará, bacteriologista do Instituto Bacteriológico, nessa época dirigido por Rudolf Kraus. O quanto foi proveitosa, para a ciência, essa excursão, atesta a monografia que publicou. Entre as observações de vulto assinalou o tifo exantemático no altiplano argentino-boliviano.

Em fins de 1906 volta ao Brasil e vem para São Paulo, assumir a direção do Serviço Sanitário.

Foi nesse pôsto, em 1917, que tive a honra de conhecer Artur Neiva. Impressionou-me profundamente o seu talento e a clarividência que possuía das questões de Saúde Pública e dos assuntos de interêsse coletivo. Foi para mim um grande dia, aquele em que comecei a trabalhar sob a direção do eminente biologista.

Não se contam os benefícios que trouxe para São Paulo, Artur Neiva, à frente do Serviço Sanitário.

Enfrentou com energia o impaludismo que ameaçava várias zonas do interior e do litoral. A campanha contra as verminoses foi intensificada. Datam dessa época os trabalhos da Fundação Rockefeller em nosso Estado. Reiniciou a profilaxia do tracoma. Organizou o Código Sanitário do Estado, aproveitando a legislação sanitária já existente e acrescentando o Código Rural. Tratou pela primeira vez de assuntos novos, com a proibição de trabalho dos menores de 12 anos das fábricas e no serviço noturno; cuidou do trabalho das mulheres nestes estabelecimentos, amparando-as quando grávidas; implantou medidas de proteção contra os acidentes de trabalho; reduziu à metade o *pé direito* dos prédios para os quais a lei Barata Ribeiro exigia cinco metros, o que facilitou a construção de arranha-céus, permitindo a edificação de dois andares onde apenas um se podia erguer; exigiu água corrente em todos os dormitórios dos hotéis; proibiu a construção de casas sem banheiros; instalou no Brasil, pela primeira vez, postos de profilaxia contra a sífilis; iniciou a construção do Leprosário de Santo Ângelo, que também foi inaugurado na sua administração. Promoveu a reforma geral do Departamento, reorganizando tôdas as suas secções. Os laboratórios mereceram especial atenção. Lembro-me bem das suas constantes visitas ao Bacteriológico e ao Instituto Butantã; neste fundou o Instituto do Quinino e o Hôrto Botânico. Assisti discutir com Araujo Lima os planos de construção do antigo Laboratório Bromatológico.

O dinamismo de Neiva era contaminante. Os seus auxiliares mais chegados, o "estado maior", como êle chamava, andavam numa roda viva, mas, satisfeitos e convencidos de que estavam produzindo e beneficiavam a organização sanitária de São Paulo.

A pandemia de gripe ainda o encontrou à testa do Serviço Sanitário, que foi imediatamente mobilizado de modo a atender com presteza e eficiência a tôdas as necessidades da população. Improvizou 43 hospitais na Capital e 119 no Interior.

Em 1918, eleito novamente presidente da República o Conselheiro Rodrigues Alves, Neiva foi convidado para dirigir a Saúde

Pública do Rio. Demonstrando a sua preferência por São Paulo dissera: "São Paulo, Sr. Conselheiro, é uma locomotiva poderosa, arrastando 20 vagões vazios!" A arrogância da frase correu o Brasil. Neiva tinha, de fato, entusiasmo sem limites por S. Paulo, era "um enamorado de São Paulo", diz Rui Bloem.

Recentemente, há pouco mais de 3 meses, voltou Neiva a São Paulo pela última vez. Entrevistado pelos jornais não ocultou o entusiasmo com que verificava o progresso por que passou a Capital Paulista, durante sua longa ausência. A frase que então lhe ocorreu foi ainda a mesma que tantos protestos levantara outrora, mas a que, com justiça, fez um pequeno adendo: "São Paulo continua a ser uma locomotiva, com a diferença, felizmente, de que os vagões agora, já não são vazios". É que Neiva, sendo um enamorado de São Paulo, era também um enfeitado do Brasil, para o qual tanto trabalhou devotadamente.

Em 1920, a convite do Instituto Kitasato, do Japão, por intermédio do Ministério das Relações Exteriores, realizou, em Tóquio, uma série de conferências a respeito do desenvolvimento da Medicina e da Higiene no Brasil.

Nessa mesma época foi encarregado pelo Governo de São Paulo, de estudar a lepra no Japão e na Noruega.

Em 1923 dirigiu o Museu Nacional do Rio de Janeiro e criou o "Boletim do Museu".

Quando em São Paulo irrompeu a verdadeira calamidade que foi a broca do café, que alarmou os órgãos do Governo e desnor-teou completamente os próceres agrícolas, foi para Artur Neiva que se voltaram os nossos dirigentes. Dos seus estudos e diretrizes surgiram as linhas gerais do plano de ataque contra o *Stenaphadores coffeae*.

Mais tarde, como seqüência dessa campanha, surgiu a criação do Instituto Biológico de São Paulo, por êle organizado e que ficou em pleno funcionamento quando deixou a sua direção em 1932. Fundou os "Arquivos do Instituto Biológico" e não mediu esforços para dotar de magnífica biblioteca o estabelecimento que hoje goza de prestígio universal, prestando reais serviços a São Paulo e enriquecendo a literatura científica brasileira.

Neiva foi grande amigo do velho Instituto Bacteriológico. Poucos meses antes de sua morte aquí esteve, percorrendo jubilosa-mente tôdas as nossas dependências, rememorando o nosso passado e aquele pesar infinito que sentimos quando, em 1925, foi extinto

o Bacteriológico. Ninguém se conformou e foi Neiva quem disse a Valdomiro de Oliveira, quando assumiu este profissional a direção do Serviço Sanitário: "Para ser útil a São Paulo, restabeleça o Instituto Bacteriológico, que pelas suas tradições é um orgulho da medicina experimental brasileira".

Valdomiro de Oliveira seguiu o conselho e tomou medidas das quais resultaram a concentração, no prédio velho, de todos os laboratórios dos Centros de Saúde e da secção de Microbiologia do Serviço de Alimentação Pública.

Quís, entretanto, o destino, que pertencesse a Neiva a glória de repor no seu lugar o Instituto Bacteriológico. Em 1931, Neiva o médico, o higienista, o historiador, o literato, o administrador, tornou-se o Neiva político. Assumiu a pasta da Educação e Saúde, então denominada Secretaria do Interior. Era um dos instantes mais difíceis da vida administrativa de São Paulo e a sua permanência na Secretaria não foi longa, mas tomou iniciativas que jamais serão esquecidas: criou o Departamento das Municipalidades, organização original na administração brasileira e o Departamento de Educação Física, a primeira iniciativa oficial tomada no país nesse sentido. E, pelo decreto n.º 4.891, de 13 de Fevereiro de 1931, fez essa cousa grandiosa, a restauração do Instituto Bacteriológico que hoje, reunido ao Laboratório Bromatológico, que funcionava num prédio por êle mandado construir, constitue este majestoso Instituto Adolfo Lutz.

Da Secretaria do Interior, Neiva saíu para assumir o cargo de Interventor da Bahía, seu Estado natal. Alí fixou as bases do Instituto do Cacau, obra de vasta significação econômica e administrativa. Em 1937 a Bahía levou-a à Câmara Federal, como líder de sua bancada. Além das iniciativas de vulto pronunciou memorável discurso solicitando verba para pesquisas científicas em Manguinhos, e produziu sensacional defesa de São Paulo e de suas iniciativas no combate à lepra, quando na Câmara foi dito que, até 1930, nada se fizera em relação à profilaxia da lepra no País.

Dissolvido o Congresso, voltou a Manguinhos, reencetando seus trabalhos e pesquisas. Como distração escreveu o livro "Estudos da Língua Nacional", revelando conhecimentos amplos sobre a matéria.

Foi fundador do atual "Instituto Borges de Medeiros" de Pelotas.

Em 1932 fez parte da Comissão de Estudos de História Natural e Ciências Afins.

Ocupou, por algum tempo, o cargo de Diretor Geral do Departamento de Investigações Científicas do Ministério da Agricultura, em 1933.

Pelos seus notáveis trabalhos sôbre o assunto, recebeu o título de Livre Docente de História Natural e Parasitologia da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, concorrendo à essa cadeira com a tese: "Revisão do gênero *Triatoma*".

Em 3 de Agosto de 1938 foi-lhe conferido o título de Professor do Instituto Oswaldo Cruz.

Muitas outras distinções honoríficas recebeu Artur Neiva pelos seus inúmeros e variados trabalhos, pelos seus insofismáveis serviços à Pátria.

Apesar da austeridade que o caracterizava, Neiva era alegre, maliciosamente crítico e de maneiras simples e afáveis. Os seus amigos se encantavam com a sua conversação variada sôbre ciência, história, literatura, sôbre o Brasil, sôbre o mundo inteiro, pois era um leitor infatigável. "Lido e corrido", disse Afonso Taunay ao prefaciá-lo "Daquí e de longe", obra que, como disse Gontijo de Carvalho, "desvenda a inquietação de sua formosa inteligência".

Era afetuoso. Se um amigo lhe comunicasse qualquer satisfação ou sucesso obtidos na vida; enviasse-lhe um livro, um trabalho, ou lhe anunciasse as bodas duma filha, o nascimento de um netinho, teria incontinentemente, em resposta, uma página inteira. Página que era bálsamo e incentivo. Quantas recebi! Quantas recebestes muitos de vós aquí presentes!

Foi êsse homem que faleceu no Rio de Janeiro, no dia 6 de Junho. Perde a ciência médica brasileira um dos seus mais altos expoentes; perde o Brasil um de seus homens de cultura e de administração, dos quais mais se ufanava: perde São Paulo o seu sincero e intransigente enamorado; perdemos nós, além de tudo, o grande amigo do Instituto Adolfo Lutz. O seu nome passará à posteridade como o de um grande brasileiro dedicado à ciência em função de sua Pátria.